

## LEIGOS NA IGREJA CATÓLICA EM RIBEIRÃO PRETO

NAINÔRA MARIA B. DE FREITAS<sup>1</sup>

Esta comunicação analisa alguns aspectos da presença do laicato na Igreja católica, na cidade de Ribeirão Preto, na primeira metade do século XX, durante o governo do primeiro bispo D. Alberto José Gonçalves por meio de associações laicas.

Os leigos que pertencem aos quadros da Igreja católica segundo seu carisma testemunham sua fé no mundo. No início do século XX, os bispos brasileiros da Província Eclesiástica Meridional, reunidos em Aparecida, no estado de São Paulo, de 1o. a 7 de setembro de 1904, deixaram um documento, orientando os passos da Igreja, de conformidade com o Concílio Plenário Latino-Americano, que ocorreu em 1899 em Roma.

O documento de 1904 orientou para o bom exercício de suas funções, sugeriu como proceder nas mais variadas situações cotidianas, incentivou os bispos e padres a convidar os membros das associações, como as Conferências de São Vicente de Paulo, Apostolado da Oração, Senhoras da Caridade, para auxiliar em várias obras:

- 1o. O Catecismo dominical para meninos e meninas nas paróquias e nas fazendas ou sítios;*
- 2o. promover os batizados dos adultos, deixados sem batismo por descuido de seus Pais;*
- 3o. a preparação dos meninos para a 1ª Comunhão e Crisma;*
- 4o. a legitimação das uniões civis e o casamento dos concubinários;*
- 5o. a obra das vocações eclesiais (EPISCOPADO BRASILEIRO, 1904:24)*

As diretrizes citadas abordavam todos os aspectos da vida cotidiana, inserindo o fiel na Igreja por meio dos sacramentos e da doutrinação do catecismo. Era preciso arregimentar braços para a obra sacrossanta de realizar na terra o reinado de Cristo e

---

<sup>1</sup> Centro Universitário Barão de Mauá – Ribeirão Preto -SP e Centro de Estudos da Arquidiocese de Ribeirão Preto - SP

para isso a fundação das associações dirigidas pelos padres representava um elo importante entre a hierarquia da Igreja e os fiéis.

O programa proposto pelos bispos da Província, em 1904, envolvia os leigos na ajuda para bom o êxito das obras e administração dos sacramentos. Consistia em uma tentativa, ainda tímida, de atribuir algumas tarefas para os leigos, que, excluídos de interpretar a Bíblia como os protestantes, vivendo no Brasil um catolicismo de fachada, ignorantes das coisas da Igreja, precisavam de uma melhor instrução para exercerem a tarefa de cooperadores dos padres num mundo em que a sociedade urbana e industrial se contrapunha às coisas de Deus.

Em 1908 no governo de D. Duarte Leopoldo e Silva foi criada a Província Eclesiástica de São Paulo com as dioceses de Campinas, Taubaté, Botucatu, São Carlos e Ribeirão Preto. Os novos bispos da Província de São Paulo seguiram a cartilha, buscando atuar, seja diretamente ou nos bastidores, para implantar a ação romanizadora, contando com a ajuda dos leigos dirigidos pelos padres.

Um dos problemas que a Igreja enfrentava era o fato de que o povo praticava manifestações de religiosidade, mas a fé era pouco consistente, “ [...] o povo ignorava os ensinamentos da religião [...]” (BRUNEAU, 1974: 74). Essa constatação, por parte das lideranças da Igreja, contribuiu para fazer pressão, o que, para uma parcela dos membros da hierarquia da Igreja, significava voltar os olhos para a vida pública.

A inserção do catolicismo entre as camadas populares era pouco consistente, pois era pequeno o conhecimento que os fiéis possuíam da fé que professavam.

A Bíblia, livro sagrado para os católicos, pertencia ao universo do clero. Poucos fiéis adentravam no conhecimento profundo das verdades da fé, em oposição ao protestantismo. Para o pesquisador Riolando Azzi a Igreja católica precisava marcar seu espaço na sociedade de outra forma diferenciando dos protestantes e por isso a ênfase “ [...] era dada no dogma da Eucaristia e da devoção mariana. A Bíblia era pouco citada, e sua leitura era mantida sob restrições [...]” (AZZI, 2008: 16).

A articulação pregada no início do século XX por padres, como Desidério Deschand, Leonel Franca, Julio Maria, entre outros, anunciava como solução um maior engajamento da Igreja e dos leigos numa ampla participação na vida pública, inclusive política, ocupando espaços na sociedade para que cada vez mais os chamados inimigos

da cristandade ficassem à margem deles. Mas essa articulação ainda não se fazia presente integralmente no seio da Igreja no início do século XX.

O funcionamento das festas e outras atividades paroquiais tiveram ajuda dos membros das associações religiosas leigas, sob a direção dos padres. O papel exercido por essas associações contribuiu para o processo de evangelização das comunidades, pois através delas os padres exerceram um domínio e encetaram um controle indireto sobre as famílias. A fundação e a instalação de associações leigas, dirigidas pelos padres, para moças, senhoras, homens e crianças, consistia num dos meios através do qual a Igreja buscava direcionar seus fiéis para seu seio, controlando a vida cotidiana e principalmente a moral das pessoas. Em substituição ao modelo de catolicismo da cristandade colonial, a romanização entrava lentamente no Brasil a partir de finais do século XIX.

A criação da Província Eclesiástica de São Paulo, em 1908, contribuiu para que o modelo de cristandade romanizada fosse inserido pelo interior através da presença dos bispos no estado de São Paulo. Em outras partes do Brasil, os estudos revelam que a criação de novas paróquias, bispados, atendeu após a proclamação da República ao apelo de uma Igreja centralizada com Roma.

Durante o governo do primeiro bispo de Ribeirão Preto (1909-1945), D. Alberto José Gonçalves, identificamos em funcionamento as seguintes associações: Corte de São José, Pia União do Rosário Perpétuo, Pia União das Filhas de Maria, Apostolado da Oração, Cruzada Eucarística, Liga Católica Jesus, Maria e José, Liga do Menino Jesus, Conferência de São Vicente de Paula, Congregados Marianos, Damas da Caridade, Damas Cristãs, Congregação da Doutrina Cristã, Confraria do Coração de Maria, Irmandade do Santíssimo Sacramento, Irmandade do Rosário, Irmandade de Nossa Senhora da Consolação, Irmandade de Santo Antonio, Irmandade de São Benedito, Terceiras Franciscanas, Infantes do Coração de Maria, Santa Therezinha, São Geraldo, Nossa Senhora do Desterro, Liga de São Luiz, Santos Anjos, São José, Nossa Senhora Aparecida, Santa Rita, Propagação da Fé. Estas associações funcionavam ou foram fundadas nas matrizes e capelas da diocese de Ribeirão Preto durante o governo de D. Alberto.

Na primeira Carta Pastoral dirigida aos fiéis no início de 1909, d. Alberto sugeriu aos padres que fundassem em suas paróquias a Conferência de São Vicente,

uma vez que, para o prelado, os vicentinos representavam um apoio imprescindível na evangelização e na ação social. Foi o início do incentivo, por parte de d. Alberto, para uma ação dos leigos nas atividades sociais e de evangelização.

As notícias nos jornais ou nos livros das associações, contavam sobre as aquisições que as irmandades faziam tais como, inauguração de sede própria, indício de que a associação dispunha de recursos próprios ou que dentre os seus membros contava com pessoas abastadas que fizeram doações de terrenos ou de prédios para aquisição de sede própria. Algumas associações, freqüentadas por um número menor de confrades e com recursos financeiros limitados, não contavam com sede própria e realizavam suas reuniões e encontros nas salas pertencentes a matriz ou capela, tais como a sacristia ou mesmo ainda dentro da matriz.

Outras aquisições das associações, de menor valor econômico, mas de grande valor simbólico, estavam representadas pela aquisição de imagens do santo padroeiro, de estandartes, doados para as matrizes, capelas ou altares laterais nas igrejas, de tapetes para ornar o templo.

Os estandartes das associações possuíam papéis definidos na sociedade, uma vez que representavam toda uma articulação da agremiação com seu lema e seus princípios. A figura central dos estandartes estava representada pelo santo padroeiro e vinha acompanhada de uma simbologia própria que ia além do nome da associação e do lema que acompanhava. A confecção dos estandartes foi um dos elementos que representou no conjunto das associações, a consolidação de um grupo que se reunia periodicamente em torno de ideais comuns, sob a supervisão de um membro do clero. Durante as procissões ou em outros eventos, as associações se apresentavam carregando com orgulho os estandartes.

As notícias, destas aquisições deixaram a imagem de futilidade por parte dos membros, mas por outro lado mostravam a preocupação com a exteriorização da fé, com o templo e seus adornos, que permeava a sociedade da época. O zelo e a simbologia com que estes adornos representavam no conjunto das associações, os valores que explicam em parte a própria vitalidade das mesmas. Numa roupagem diferente do apelo das associações do período colonial, sob a orientação dos padres, que exerciam o papel de diretores espirituais, as associações leigas exerceram um catolicismo diferenciado do colonial e imperial. A prática do binômio,

confissão/comunhão, por parte dos fiéis, evidência uma mudança mas, a mesma, não provocou uma profunda e concreta evangelização dos católicos.

A freqüência a uma associação e o cumprimento das regras constituía a garantia de prática do catolicismo. As mulheres formavam um grupo de adesão e aquelas que freqüentavam as escolas católicas, tinham maiores possibilidades de estarem integradas no esquema que acima de tudo, exigia da moça - esposa, um rígido comportamento moral e social (MANOEL, 1996).

O principal foco de muitas destas associações, controladas pelo clero, estava centrado em lemas como o da Cruzada Eucarística, destinada às crianças, que em seu Manual, explicava a divisa: Orar, Lutar, Comungar, Conquistar. Ao reunir uma “elite”, as associações formavam um exército cristão, capaz de estabelecer o que os Papas: Pio X, Bento XV e Pio XI, chamaram no início do século XX, de reinado de Cristo nos corações, nas famílias, na pátria e no mundo inteiro. Começava com as crianças para atingir os adultos. Como a Cruzada Eucarística estava destinada as crianças, em algumas paróquias as associações dos adultos ficavam responsáveis por ela.

Uma das principais associações laicas da diocese de Ribeirão Preto foi o grupo das Filhas de Maria. Elas estiveram presentes em quase todas as paróquias da diocese. Em algumas cidades ganharam força, formando um grupo de evangelização, que mobilizava diferentes atividades da paróquia.

Destinada as moças solteiras a Pia União das Filhas de Maria possuía um programa com três departamentos principais: o de piedade, de estudo e de ação. A partir dos três, ficavam centrados os pontos que faziam a interligação a partir da década de 1930, com a Ação católica. O departamento de piedade se subdividia em ação eucarística, ação de retiro, *schola cantorum*, ação de adoração; o departamento de estudo em: aula e formação das aspirantes, curso para catequistas, biblioteca, aula de religião e o departamento de ação: obra das vocações, obra dos tabernáculos, postura para os pobres, sessão litero musical, imprensa. Através de cada uma destas sessões a Igreja tentava se infiltrar no mundo feminino. Algumas delas certamente tiveram maior êxito em algumas paróquias conforme os registros dos livros das atas das associações.

O relatório das Filhas de Maria, da cidade de São João da Boa Vista, deixou um registro da intensa atividade que elas possuíam naquela paróquia, que ia desde a confecção de alfaias para os altares, como angariar donativos para sustentar meninos

pobres no seminário. Os pobres e excluídos, ganharam um olhar diferenciado das Filhas de Maria, que chegaram a montar um curso de alfabetização para as moças empregadas. Outra obra era o trabalho na confecção de roupas, que eram distribuídas aos pobres, por ocasião do Natal.

Uma das obras notáveis das Filhas de Maria sajoanense, foi a organização de um biblioteca, que contava em 1943, com trezentos e quarenta e um volumes, entre os adquiridos e os ganhos, incentivando não só a propaganda da boa leitura, como também trabalhando para o conjunto da boa imprensa. (MSJBV, Pasta Pia União das Filhas de Maria, março 1943). Na ocasião, a associação das Filhas de Maria da cidade de São João da Boa Vista, era um grupo pequeno se comparado com os números do Apostolado da Oração. Enquanto o Apostolado da Oração contava com 652 membros, as Filhas de Maria possuíam 109 membros (B.D. ano XIII, n. 155 março de 1943).

Outra biblioteca de destaque, em 1944, era a das Filhas de Maria que freqüentavam a catedral de Ribeirão Preto, com 600 volumes (B.D. F.M.F. ano I, n. 10, fevereiro de 1944). Tudo indica que o incentivo a uma leitura específica aos católicos, funcionou na diocese de Ribeirão Preto no período estudado, pelo menos entre as Filhas de Maria, uma vez que encontramos indícios de pequenas bibliotecas nas associações das paróquias da diocese. Listas de livros eram organizadas pelos padres, editoras e sugeridas como aquisição para as bibliotecas organizadas para as moças e senhoras ou para os homens. A divulgação destas obras era parte do projeto da Igreja para a Boa Imprensa, o que incluiu o incentivo para a assinatura dos boletins, revistas e jornais católicos. Todas as associações laicas participavam e contribuía para divulgar a política da boa imprensa, desenvolvendo um trabalho de incentivo a leitura de obras católicas e edificantes, contrapondo as obras contrárias a doutrina da Igreja. Lembrando que o número de pessoas alfabetizadas e com condições financeiras de adquirir livros no Brasil, era pequeno, pode-se afirmar que a existência destas bibliotecas especializadas era um luxo.

Em qualquer das associações, o objetivo, estava centrado em fazer valer a disciplina e uma ampla participação dos leigos sob a égide dos padres. Ao filiar a uma das associações, os confrades seguiam regras de conduta, estabelecidas a partir dos manuais, que direcionavam as ações cotidianas do levantar ao deitar-se com exercícios e orações, recomendações de práticas cotidianas aconselhadas, tais como: ao passar de

frente a uma igreja deveria ser feita uma saudação ao Santíssimo Sacramento e se possível uma pequena visita.

As recomendações representavam o ideal da Igreja, mas havia um distanciamento entre os que estavam agremiados que tentavam seguir as instruções e o restante da população que continuava praticando um catolicismo de fachada, consistindo na prática de alguns sacramentos como o batismo das crianças. O matrimônio na Igreja, lentamente perdia forças para os adeptos do divórcio ou ainda para aqueles que passaram a professar outras crenças. A força dos costumes da Igreja católica prevalecia principalmente nas cidades menores do interior do país.

Algumas mulheres pertenciam aos quadros de todas as associações de uma paróquia. Mariana Custódia do Nascimento, agremiada a Pia União das Filhas de Maria de São João da Boa Vista, deixou um registro especificando:

*“Eu Mariana Custódia do Nascimento fui admitida na Pia União das Filhas de Maria no dia 8 de dezembro de 1928, pertencendo a Pia União de Santa Therezinha, O apostolado da oração da irmandade de Nossa Senhora do Carmo, A irmandade da Terra Santa, A hora diurna e noturna, A propagação da Fé, Sou terceira Dominicana.*

*Confraria do Santíssimo Imaculado Coração de Maria, O Trânsito de São José, A cruzada Eucarística” (MSJBV, Documentos Avulsos, Pasta Pia União das Filhas de Maria).*

Uma busca primorosa nos livros das associações revelaria se a presença da sra. Mariana era constante, obedecendo as regras e normas exigidas para cada uma delas ou, se privilegiava as reuniões de alguma associação. O caso de D. Mariana, não foi único e representava uma realidade comum entre os fiéis que se agremiavam a mais de uma associação nas paróquias. Consagrando a vida a Deus, através de práticas exigidas pelas associações, os membros também trabalhavam nas diferentes atividades da Igreja, seja na catequese, no campo social a qual algumas delas estavam diretamente empenhadas, seja ainda nas promoções para arrecadar fundos para diversos fins, tais como construção e reforma das matrizes e capelas, aquisição de ornamentos, entre outros projetos dirigidos pelos padres.

As Filhas de Maria, em conjunto com as senhoras do Apostolado e os membros da Conferência de São Vicente de Paula, trabalhavam em prol da caridade fraterna, atendendo os pobres com alimentos, roupas e remédios.

Durante o período em que uma paróquia recebia as missões, os membros das associações, eram convidados (as) a um trabalho mais intenso. Uma das atividades era visitar os doentes e preparar o caminho para a visita do missionário que oferecia os sacramentos da confissão e eucaristia. Para a Igreja, o ato de visitar doentes e pobres, consistiu numa verdadeira missão, bom exemplo, das moças e rapazes que se entregavam a esta tarefa, considerada por muitos padres como o verdadeiro exercício do amor a Cristo e a igreja.

Obedecendo ao modelo pregado pelos párocos, as crianças da Cruzada Eucarística eram incentivadas a praticar a caridade cristã. Mesas de doces e outros quitutes, pequenos objetos de agrado como cigarros eram distribuídos aos idosos dos asilos em ocasiões especiais pelas crianças e representava uma forma delas demonstrarem como se exercia a caridade fraterna e ao mesmo tempo constituía numa prática considerada pela Igreja como agradável aos olhos do Cristo. Com a participação das crianças, os padres, procuravam conquistar os pais, atraindo-os para o seio da Igreja.

O Apostolado da Oração presente em quase todas as cidades da diocese levava os fiéis a jejuar e a praticar a devoção às primeiras sextas-feiras de cada mês, com confissão e comunhão, demonstrando o amor pelo Cristo eucarístico. Assim como as outras associações, os agremiados portavam fitas que os distinguiam dos demais fiéis. O Apostolado publicava um boletim, “Mensageiro do Coração de Jesus”, em que difundia a obra e exortava os participantes a seguirem no oferecimento diário a Cristo, em consagração a Deus e em oração pelas intenções da Igreja.

Um dos objetivos era chegar até as famílias. A Igreja disputava áreas de influência, estimulando através da prática caritativa, a entrada de seus valores no seio das classes urbanas, uma vez que perdia terreno para outras associações ligadas ao Estado ou ainda a sindicatos. Ganhar espaço no seio da sociedade civil, através das associações religiosas laicas era uma das formas de garantia de manutenção dos valores do catolicismo. Perder este espaço, era deixar que as novas crenças, o comunismo, anarquismo, ateísmo, entre outros, adeptos do anti clericalismo, ampliasse o raio de ação na sociedade brasileira.

As paróquias exerciam desta forma uma importância no conjunto de formação cristã da família e o padre exercia poder como administrador dos sacramentos e dirigente das atividades paroquiais.

Um dos principais problemas enfrentados pelo clero em relação aos leigos era o momento do carnaval, quando grandes admoestações eram feitas proibindo os fiéis e principalmente os agremiados das associações laicas, de frequentarem os folguedos.

As atas, de diferentes associações, constam expulsão dos membros e, em algumas, os padres como diretores espirituais, descreveram sua tristeza por saberem das moças e moços que não se comportaram como devem os bons cristãos, frequentando os bailes. A opção contrária, oferecida aos católicos para afastarem dos bailes carnavalescos, era os retiros abertos destinados aos fiéis e os fechados para os agremiados das associações. Nos retiros abertos, realizados nas matrizes e ou capelas, havia práticas diárias, às vezes em números de duas, sendo mais usual uma pela manhã e outra pela tarde, hora santa de guarda com o Santíssimo exposto, tudo em prol da expiação dos pecados cometidos pelos festejos.

Os retiros fechados podiam terminar na matriz, sendo que os participantes para manifestar a glória de Cristo, desfilavam pelas ruas cantando louvores até chegar a matriz (MSJBV, Livro de Tombo, 1911: 92). A representação simbólica das manifestações católicas, com os fiéis carregando os estandartes das associações, entoando hinos religiosos pelas ruas, seguindo o modelo pregado pela hierarquia da Igreja, afastando dos prazeres mundanos do carnaval, dedicando-se as coisas de Deus, com a promessa da salvação eterna, fazia um contraponto com a crescente urbanização e a introdução de novos costumes da modernidade. Uma modernidade que saía do recôndito mais íntimo do seio das famílias, para agregar outros valores mundanos, nos quais a Igreja perdia espaço. A frequência aos clubes esportivos, aos bailes carnavalescos, às festas consideradas como profanas, pois não representavam uma extensão da festa cristã revelava a inserção de um universo que irradiava um distanciamento com os valores pregados pela Igreja Católica.

As atas das associações revelam que o número de fiéis foi desigual de uma cidade para outra e dependeu de uma inserção em maior ou menor escala dos agremiados nas atividades da Igreja. O papel desempenhado pelos párocos também contribuiu para a integração dos fiéis. Alguns padres souberam organizar os leigos em

suas paróquias nas diferentes associações e contaram com o engajamento dos fiéis nas atividades paroquiais.

Dentre as associações laicas presentes da diocese de Ribeirão Preto, entre 1930 e 1945, foram identificados pela documentação um número aproximado de cinquenta mil membros no período de maior número de agremiados. O grupo mais expressivo foi o do Apostolado da Oração, contando com cerca de vinte mil membros, identificados na documentação para o ano de 1934, seguido dos membros da Pia União das Filhas de Maria e dos Congregados marianos todos abaixo de 5.000 membros (FREITAS, 2006).

A Igreja para delimitar um espaço, fazia de pequenas cerimônias um momento inesquecível, como a entrada e aceitação da pessoa numa associação. Ao receber as fitas e os manuais, os confrades, eram recebidos sempre em grandes festas. A passagem pelos rituais como o recebimento das fitas, bênção de estandartes representava a entrada em um novo universo, definido pelo seguimento das práticas necessárias a cada uma das associações, sob pena de banimento a quem deixasse de seguir as normas estabelecidas.

Entre as Filhas de Maria, as aspirantes recebiam pequenas fitas verdes, depois passavam para as azuis. Na Cruzada Eucarística, a criança começava com uma fita mais fina e depois adquiria em definitivo a fita mais grossa da cor amarela. No Apostolado da Oração a fita era vermelha, com a medalha do sagrado Coração de Jesus. Entre uma fita e outra, os confrades passavam pelo estágio de verificação se eram ou não merecedores de ingressar oficialmente na associação.

O zelo e a simbologia que esses adornos representavam no conjunto das associações explicam em parte a sua própria vitalidade. Numa roupagem diferente do apelo das associações do período colonial, sob a orientação dos padres, que faziam o papel de diretores espirituais, as associações exerceram um catolicismo diferenciado do colonial e imperial. A prática do binômio confissão/comunhão, por parte dos fiéis, evidencia uma mudança, mas não provocou uma profunda e concreta evangelização da sociedade brasileira. No entanto, para a Igreja, a frequência a uma associação e o cumprimento das regras constituía uma das garantias de prática do catolicismo.

O modelo dado por meio das associações de conduta de vida, leituras, modos de vestir, comportamento, entre outras práticas mais voltadas para a espiritualidade permitiu com os fiéis formassem um pequeno grupo coeso em meio as rápidas transformações da sociedade.

Era um projeto de Igreja que se fazia presente em todas as dioceses e suas paróquias com o funcionamento das mesmas associações, portanto, capaz de definir uma coesão seguindo as diretrizes emanadas pelo Vaticano e dirigidas pelo Papa.

#### Referências Bibliográficas

AZZI, R. *História da Igreja no Brasil. Terceira Época 1930-1964*. Petrópolis: Vozes, 2008.

BRUNEAU, T. C. *O catolicismo brasileiro em época de transição*. São Paulo: Loyola, 1974.

CORREIA, F. de A. *História da Arquidiocese de Ribeirão Preto (1908-2008)*. Ribeirão Preto, edição do autor, 2008.

DESCHAND, D. *A situação actual da religião no Brasil*. Rio de Janeiro: Garnier, 1910.

FREITAS, N. M. B. de. *A criação da diocese de Ribeirão Preto e o governo do primeiro bispo: D. Alberto José Gonçalves*. Franca, Unesp, 2006 (tese).

MANOEL, I. A. *Igreja e Educação feminina. 1859-1919. Uma face do conservadorismo*. São Paulo: Unesp, 1996.

MANUAL e Pequeno Missal do Cruzado. Secretariado da Cruzada Eucarística. São Paulo, Siqueira, s/d.

#### Documentos Manuscritos e Impressos

BOLETIM Diocesano. Ribeirão Preto, ano XIII, n. 155, março/1943. Relatório do Movimento religioso das paróquias. (B.D)

BOLETIM Diocesano da Federação Mariana Feminina. Ribeirão Preto, ano I, n. 10, fevereiro/1944. (B.D.F.M.F)

EPISCOPADO Brasileiro. Pastoral Coletiva dos Bispos da Província Ecclesiástica Meridional do Brasil. Rio de Janeiro, Leuzinger, 1904.

LIVRO TOMBO, 1911. Museu de Arte Sacra da Diocese de São João da Boa Vista. (MSJBV)

PIA União das Filhas de Maria. Relatório da Pia União das Filhas de Maria, março, 1943. Museu de Arte Sacra da Diocese de São João da Boa Vista. (MSJBV)